

COMO SER UMA PESSOA NOVA E DIFERENTE

PATRICIA LORENZ

Tudo indicava que o ano de 1993 não ia ser dos melhores da minha vida. Já fazia oito anos que eu criava meus filhos sozinha, três deles tinham ido para a universidade, minha filha era solteira, mas acabara de ter meu primeiro neto e eu estava prestes a romper um relacionamento de dois anos com um homem de quem eu gostava muito. Diante de tudo isso, eu passava um tempo enorme sentindo pena de mim mesma.

Naquele mês de abril, tinha de entrevistar e escrever sobre uma mulher que vivia em uma cidade pequena em Minnesota.

Portanto, no feriado de Páscoa, Andrew, meu filho de treze anos, e eu atravessamos dois estados de carro para ir ao encontro de Jan Turner.

Andrew cochilou durante quase toda a longa viagem, mas de vez em quando eu puxava conversa com ele.

"Ela tem uma deficiência física. Por algum motivo que desconheço, teve de amputar os dois braços e as duas pernas."

"Puxa! E como é que ela se vira?"

"Não tenho a menor idéia. Vamos saber quando chegarmos lá. Só sei que, há quatro anos, ela era exatamente como eu, trabalhava e cuidava sozinha dos dois filhos que adotou. Era professora de música em tempo integral em uma escola de primeiro grau e ensinava diversos tipos de instrumentos. Era também diretora musical de sua igreja. Sei também que ela nunca se casou".

Andrew adormeceu novamente. Enquanto cruzava Minnesota de carro, pensava como aquela mulher pudera enfrentar a notícia arrasadora de que seus dois braços e suas duas pernas iam ser amputados. Como será que aprendeu a sobreviver? Será que tem alguém que a ajuda permanentemente em casa?

Quando cheguei na cidade de Willmar, telefonei para Jan do nosso hotel para dizer que iria buscá-la em casa com seus dois meninos, que poderiam ficar na piscina enquanto conversávamos.

- Não é preciso, Pat, eu posso dirigir, vou em meu próprio carro. Estaremos aí em dez minutos. Você gostaria de ir comer primeiro? Tem um bom restaurante bem ao lado do seu hotel.

- Claro, está ótimo assim - respondi, meio hesitante, imaginando como seria comer em um restaurante com uma mulher que não tinha braços nem pernas. E como é que ainda por cima ela vem dirigindo, meu Deus?

Dez minutos depois, Jan estacionou na frente do hotel. Saiu do carro e andou em minha direção da maneira mais natural possível, com pernas e braços que pareciam tão verdadeiros quanto os meus, e estendeu o braço direito com um gancho de metal brilhante na ponta para me cumprimentar.

- Olá, Pat, muito prazer. Este aqui deve ser o Andrew, não é?

Segurei o gancho, sacudi um pouco e sorri meio sem jeito.

- É, esse é o Andrew.

Olhei para o banco traseiro do carro dela e sorri para os dois garotos, que sorriram de volta. Cody, o mais novo, parecia entusiasmado com a perspectiva de ir nadar na piscina do hotel depois do almoço.

No restaurante, entramos na fila, pagamos, comemos e conversamos enquanto os três meninos tagarelavam. A única coisa que tive de fazer para Jan Turner durante toda a refeição foi desatarraxar a tampa da garrafa de ketchup.

Mais tarde, enquanto nossos filhos brincavam dentro da piscina, ela me falou sobre sua vida antes da doença.

- Éramos uma típica família em que a mãe ou o pai vivem sozinhos com os filhos. A vida era tão boa, que eu estava até pensando seriamente em adotar outra criança.

Eu me senti pequenininha ante a grandeza daquela mulher.

Ela continuou.

- Em um domingo de 1989, eu estava tocando em minha igreja quando de repente me senti fraca, tonta e enjoada. Saí quase me arrastando, chamei os meninos e fui levada para o hospital, onde cheguei em coma.

Jan tinha pneumonia pneumocócica, uma terrível infecção bacteriana. Um dos devastadores efeitos colaterais da doença é ativar o processo de coagulação, o que faz com que os vasos sanguíneos fiquem obstruídos. Por causa da súbita interrupção do fluxo de sangue nas mãos e nos pés, as quatro extremidades foram rapidamente tomadas pela gangrena. Duas semanas depois de ser internada, os braços de Jan tiveram de ser amputados na altura do meio do antebraço e as pernas no meio da canela.

Pouco antes da cirurgia, ela pensou, apavorada: Oh, Deus, não! Como vou viver sem braços e pernas, sem pés nem mãos? Como vai ser nunca mais andar? Nunca mais tocar violão, piano ou qualquer um dos instrumentos que ensino? Nunca mais poder abraçar meus filhos ou cuidar deles? Oh, meu Deus, não deixe que eu dependa dos outros para o resto da minha vida!

Seis semanas depois da amputação, enquanto o que restava de seus membros cicatrizava, o médico falou-lhe a respeito de próteses. Disse que ela poderia aprender a andar, dirigir um carro, voltar a trabalhar na escola e até mesmo voltar a ensinar.

Num terrível desamparo, Jan recorreu à sua Bíblia. Esta se abriu em Romanos, capítulo doze, versículo dois: "Não imite o comportamento e os costumes deste mundo, mas seja uma pessoa nova e diferente, com um novo frescor em tudo o que fizer e pensar. Então, aprenderá por experiência própria como os caminhos de Deus lhe serão realmente satisfatórios." Jan refletiu sobre aquilo - ser uma pessoa nova e diferente e decidiu tentar as próteses. De início, com um andador amarrado em seus antebraços e um terapeuta de cada lado, só conseguiu cambalear em suas novas pernas durante dois ou três minutos, para em seguida cair exausta e cheia de dores.

Vá devagar, disse a si mesma. Seja uma nova pessoa em tudo o que faz e pensa, mas dê apenas um passo de cada vez.

No dia seguinte, tentou usar as próteses para os braços, um desagradável sistema de cabos, tiras de borracha e ganchos acionados a partir de um arreamento colocado nos ombros.

Movimentando os músculos do ombro, logo foi capaz de abrir e fechar os ganchos para pegar e segurar objetos, vestir-se e alimentar-se.

Dentro de poucos meses, Jan descobriu que podia fazer quase tudo o que costumava fazer antes - só que de maneira diferente.

- Mesmo assim, quando finalmente fui para casa, depois de quatro meses de terapia física e ocupacional, estava muito nervosa imaginando como seria minha vida ali sozinha com os meninos. Mas, quando cheguei, saí do carro, subi os degraus para entrar em nossa casa, abracei meus filhos com toda a força e desde então nunca mais olhamos para trás.

Enquanto Jan e eu falávamos, Cody, que saíra da piscina, ficou junto da mãe com o braço em seus ombros. E quando ela se referiu às suas novas habilidades culinárias, Cody abriu um sorriso.

- É mesmo - disse ele. - Ela agora está muito melhor do que antes de ficar doente, porque sabe até virar as panquecas no ar!

E Jan riu, o riso de uma mulher abençoada com uma profunda felicidade, uma grande satisfação e uma inabalável fé em Deus.

Desde a nossa visita, Jan completou um segundo curso universitário, desta vez em Comunicação, e hoje trabalha na estação de rádio de sua cidade como locutora. Também estudou teologia e foi ordenada ministra das crianças de sua igreja, a Igreja da Vida Triunfante, em Willmar. Em poucas palavras, Jan diz:

- Sou uma pessoa nova e diferente, triunfante por causa do amor e da sabedoria infinitos de Deus.

Depois de conhecer Jan, eu também me tornei uma pessoa nova e diferente. Aprendi a agradecer a Deus por tudo o que me faz nova e diferente, seja batalhando em mais um trabalho em tempo parcial para manter os estudos de meus filhos, seja aprendendo a ser avó pela primeira vez ou tendo a coragem de terminar um relacionamento com um amigo maravilhoso que simplesmente não era a pessoa certa para mim.

Pode ser que Jan não tenha braços, pernas, mãos ou pés de carne e osso, mas é uma mulher com mais coração e alma do que todas as que já encontrei até agora. Ensinou-me a abraçar todas as coisas "novas e diferentes" que aparecem em minha vida com toda a alegria de que for capaz, sabendo que elas me farão crescer. A viver minha vida com muita esperança.

Se eu tivesse a oportunidade de realizar o desejo de ter uma vida perfeita, a tentação seria grande, mas eu teria de recusar, porque a vida não me ensinaria mais coisa alguma.

ALLYSON JONES